

## Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

# Intelectuais no exílio: algumas notas sensíveis

Adelia Miglievich

(Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil)

**Abstract** Darcy Ribeiro tried, in all, 12 years of exile after the military coup in 1964 in Brazil. From fragments scattered accounts of his travels and confessions on the proper exile, I propose the invention of a text capable of linking their statements, as if Darcy had written at once. Return so intellectual theme of exile under the inspiration of Theodor Adorno and Edward Said in order to conclude on the meaning of shifts in 'impaired' experience of exile. I find in Darcy Ribeiro and his openness to 'otherness', which was able to see how 'likeness', the conquest of his human quality that played for him the distance I-other and the historical distance between Brazil and neighboring countries in Ibero-America.

**Sumário** 1 Apresentação. – 2 Viajar é preciso. – 3 O intelectual e o exílio. – 4 Considerações Finais.

**Keywords** Intellectuals. Exile. Dictatorship. Darcy Ribeiro. Latin America.

## 1 Apresentação

Elejo, num amplo leque de intelectuais nalgum dia de sua vida exilados, a figura ímpar do brasileiro Darcy Ribeiro (1922-97). Cientista social, homem público e literato, Darcy ocupou cargos de poder no Governo João Goulart, deposto pelo golpe militar em 1 de Abril de 1964. Criador e reformador de universidades na América Latina, compõe, a partir de 1950, uma específica intelectualidade engajada na elaboração de projetos nacionais e na produção de um pensamento latino-americano crítico e autóctone.

Foram, ao todo, doze anos entre o Uruguai, Venezuela, Chile, Peru e México, com algumas vindas ao Brasil e viagens à Europa, sobretudo a trabalho. Pouco se sabe, ainda hoje, sobre a rica experiência do exílio de Darcy Ribeiro, e esta é a motivação de meu escrito.

Seu banimento do Brasil poderia tê-lo levado a assumir, nos duros anos afastado de suas raízes, a identidade do estrangeiro. Curiosamente, parece ter Darcy Ribeiro feito outra opção, do estranhamento das culturas alheias para a familiaridade; mais do que isso, 'irmandade' para com a espécie humana, onde existissem homens e mulheres mais que tudo amigos que aprenderia a fazer em sua itinerância com ênfase à América Latina.

---

### Diaspore 7

DOI 10.14277/6969-122-5/DSP-7-8

ISBN [ebook] 978-88-6969-122-5 | ISBN [print] 978-88-6969-123-2 | © 2017

Noutras palavras, Darcy torna próxima a alteridade, *semelhante*, devido a ambas as convicções: humanista e latino-americanista. Acreditou na unidade latino-americana, na Pátria Grande de Simon Bolívar, desta vez a incluir o Brasil. Desejou ver *Nuestra América*, de José Martí.

Recusando-se a viver o exílio na Europa, fez questão de transformar em ‘casa’ cada nação latino-americana que o acolheu. Viveu amores, falou deles abertamente, sobretudo cativou amizades de toda a vida, responsáveis por tornar as paisagens estrangeiras menos inóspitas. Sentiu, contudo, intensamente saudades do Brasil e da língua portuguesa. É um dado revelador que jamais falou fluentemente qualquer outro idioma, embora tenha cultivado, como etnólogo, as línguas indígenas no subcontinente.

Voltou ao Brasil, antes da anistia, duas vezes. A primeira, no início de 1968, com a esperança de uma mudança no cenário de exceção, entusiasmado com os estudantes nas ruas enfrentando a repressão. Um ato explícito de ingenuidade, uma vez que, no Brasil, foi em pouco tempo preso. Na prisão militar, permaneceu por nove meses sem chegar a ser julgado, até que retorna ao exílio.

Quando volta ao Brasil pela segunda vez, pensava que fosse morrer. Estava na Europa, pois havia sido convidado para uma palestra em Lisboa. Passou mal e foi diagnosticado com câncer no pulmão. Implorou para que pudesse se submeter à delicada cirurgia de extração de um dos pulmões no Brasil. A negociação é difícil, até que os militares autorizam sua entrada no país. É operado e sobrevive. Sua convalescença se dá sob pesada segurança militar, até que é novamente expurgado.

Proponho aqui uma experiência de escritura. Com base em fragmentos de relatos esparsos sobre suas viagens e confissões do exílio propriamente, invento um texto que nada mais é do que uma tessitura de depoimentos, alguns dados em entrevistas, como se Darcy os tivesse escrito de uma só vez. Ouso misturar tempos. Tendo a pensar em Darcy bastante cômico de que suas palavras seriam ouvidas após sua morte e, admitindo seus ‘pecados’, mesmo assim deixava para a posterioridade uma mensagem coerente, como se o dito da juventude nunca tivesse sido totalmente desdito na maturidade, ou como se o Darcy velho não estivesse tão distante do jovem aventureiro, como se declarou.

Tecerei o texto na primeira pessoa, usando, pois, palavras do próprio Darcy, raras vezes por mim parafraseadas. O texto darcyniano me permitirá, num segundo momento, revisitá-lo a condição do intelectual no exílio, um ser inquieto, inconformado, deslocado, obrigado a refazer a si mesmo e sua compreensão do mundo na experiência ‘prejudicada’ (Adorno 2008) de estar longe de casa.

## 2 Viajar é preciso

Escrever confissão é se explicar, justificar. Na escala cósmica, é pura besteira. Vadiagem. Na escala humana, é vaidade. Mas existo, confesso, e quero que me vejam. Estas *Confissões* são como quem dá um grito parado: «Olhe, povo. Estou aqui. Já estou indo. Vou-m'embora. Enfrentei a vida com coragem, inocência e gozo. Ajudou-me muito a noção outra de que me viro, de tudo me safo. Ajudou também a compreensão de que aquilo que não tem solução, solucionado está. Ajudou, inclusive, minha ousadia aventureira, de lançar-me sempre em busca de novos caminhos, sem perder tempo e energia com lamentações».

Minhas primeiras viagens para fora do Brasil estão ligadas às atividades de etnólogo e de indigenista. A primeira dessas viagens se deu em 1951, ao altiplano andino. Fui de avião para Lima e lá passei dois dias olhando a beleza das casas antigas e a feiúra das novas que estavam sendo construídas.

Dali fui com o terninho que eu usava no Rio de Janeiro para o frio de 4 mil metros de altura de La Paz. Eu o senti primeiro como uma agressão, ainda dentro do avião, de que custei a sair. Saí correndo para o aeroporto e fiquei encolhido como um pinto molhado diante de uma enorme lareira, esperando que me procurassem. Como ninguém me procurou, tomei um táxi e pedi para ir para o melhor hotel. Lá perguntei se havia aposento reservado para o delegado do Brasil. Havia, mas ele não tinha chegado, me informaram. «Chegou sim, sou eu».

Fiquei uns dias mais na Bolívia para fazer observações por conta própria. Aceitei um convite de um dono de minas de estanho e fui a Oruro num carro Rolls-Royce, colocado sobre trilhos, em companhia de um assessor de relações públicas norte-americano. Fiquei hospedado com ele e, em sua companhia, vi com horror a saída de milhares de mineiros do fundo da mina, que é como se saíssem do fundo da terra. Cobertos de poeira, magros, esqueléticos. Pareciam mais bichos da terra que gente mesmo.

Na casa bem montada do tal assessor, fui bem atendido por suas duas criadas índias troncudas. O que me impressionou também foi o armazém que provia os engenheiros e o pessoal bem pago das minas. Nunca tinha visto tanta fartura de tanta coisa boa e cara. Eram conservas, queijos, bebidas, perfumes, tudo o que se imaginasse a bom preço, para quem ganhasse bom salário.

Na ida para Oruro, paramos no meio do caminho, a meu pedido, para ver o que havia ali. Era uma ruína de alguma construção colonial, onde se abrigava contra o vento feroz uma família índia. Ali, no meio daquele deserto, aquela gente fugindo da ventania gelada me deu o retrato da dureza que é a vida dos índios do altiplano.

O México deslumbrou-me como deslumbra a todos. O palácio presidencial, com seus enormes painéis de Rivera, me impressionou muito. Num deles, está escrito: 'Pobre México, tan lejos de Dios, tan cerca de América'. Visi-

tei também, detidamente, a UNAM, o mais belo campus universitário que conheci, de excelente arquitetura e de fidelidade fígadal à mexicanidade.

No México, fiz muitos amigos. Fui, depois, muitas vezes lá, que é para mim uma segunda pátria, onde me sinto em casa, e gosto muito de seu povo índio, de sua civilização em três dimensões: a asteca das pirâmides, a colonial das igrejas e a moderna da UNAM. Mas amo esse país, principalmente, pela amizade que os mexicanos sempre dedicaram a mim. A mim e aos exilados todos que lá caíram. Esse é um belo pendor mexicano, que vem dos tempos em que acolheram milhares de intelectuais espanhóis, que deram uma contribuição fundamental para a cultura mexicana, atitude que depois estenderam a todos nós, latino-americanos perseguidos.

Sofri, na minha primeira viagem ao México, meu primeiro terremoto. Mais tarde, fiquei doutor em terremotos e nos terrores que eles provocam. Vi o mundo ruir, porém, foi em Lima. Aprendi naquele terremoto uma coisa. É que a terra, ao *crujir*, como dizem os espanhóis, comprimida pelo terremoto, faz um barulho cem vezes maior e mais assombroso do que as trovoadas de tempestade. É a Terra mesma revolvendo-se.

Fui não sei quantas vezes à Europa; muitas. A primeira vez, em 1954, à Suíça, a convite da Organização Internacional do Trabalho. Uma boa experiência, naquela viagem, foi encontrar, em Berna, um garçom cearense que lá estava havia vinte anos. Saiu comigo na hora de folga para me mostrar a cidade. Era já bernabês, ou lá o nome que tenha.

Fui ter, afinal, em Paris. Fui depois ao Museu do Homem, que me horrozou. O museu todo me deu a impressão de que foi feito pela rainha Vitória para mostrar a grandeza do mundo dela. Exagerava a valer, exibindo tudo o que mostrasse os extraeuropeus como selvagens. Por exemplo, os Maori, gente tão bonita e que tem tatuagens tão lindas, eram apresentados como amostra de selvageria. Fui de selvagem em selvagem, muito danado com aquela forma de montar um museu.

Gosto muito de ir à Espanha. Não tanto de Madri. Gosto mesmo é de Barcelona, principalmente de seu mercado de Rambla, o melhor que vi na vida, pelos peixes frescos e coloridos frutos do mar, pelas verduras e frutas, entre elas um melão que cheira a um quarteirão de distância e ainda me cheira nas ventas. Mais ainda gostei de Granada, com sua presença árabe tão veemente. Mostra da grandeza e fineza do poderio sarraceno.

Em Abril de 1964, me vi no exílio junto com Jango no Uruguai. Saí de Brasília para o Rio Grande do Sul e dali, num pequeno avião, seria levado por amigos para Buenos Aires. O avião, porém, aterrissou em Salto, estado situado a 500 quilômetros de Montevideú, e, diante das tropas da polícia do Uruguai, num rompante, pedi asilo político.

Durante os primeiros anos, pensei sempre que aquele seria um exílio de seis meses. Na verdade, foi longuíssimo, alongando-se pela Venezuela, Chile e Peru e me levando também em viagens de trabalho a muitos países europeus. A opção de ficar na América Latina, recusando as oportunidades

de ir para Paris ou Roma, foi a decisão mais sábia que fiz na minha vida. Ela me possibilitou a reconstrução de mim mesmo como intelectual. Na Europa, teria continuado minha etnografia indígena como um mero etnólogo de gabinete e viveria sempre sob o risco de me converter num basbaque, como acontece com tanta gente. Em lugar disso, no Uruguai, me fiz um brasileiro mais consciente e aprendi a ser latino-americano.

Mario Cassinone, reitor da Universidade da República Oriental do Uruguai, nomeou-me imediatamente professor de Antropologia. Dava minhas aulas no maior silêncio que tive na vida. Sabia-se que, perdendo uma palavra que fosse do meu portunhol, a frase desabaria. Nunca tive alunos tão atentos.

O exílio é uma experiência terrível... Para todos, o exílio é sofrimento. Para mim, o exílio foi ruim, mas suportável. O exílio me foi mais leve do que para muitos companheiros de desterro. Prossegui também na militância política, tanto junto com meus companheiros brasileiros, especialmente Jango e Brizola, como junto aos governos latino-americanos que mais se esforçaram para romper com a dependência e com o atraso.

Mas os primeiros meses de exílio foram desesperantes, tanto que eu ocupava quase todo o meu tempo lendo livros de ficção científica para alimentar a fera de minhas frustrações. Li centenas deles. Também ia à casa de Brizola participar do circuito paranoico do exílio. Uns dez homens coexistiam ali, tensos, falando de um contragolpe que se tornava cada vez mais inverossímil. A notícia de uma placa que caíra, logo de manhã, de uma loja em Porto Alegre se tornava uma placa de Brasília que caíra na cabeça de um coronel, ao fim da tarde.

Em Montevideú, escrevi a parte maior das minhas teorias antropológicas. Lá também esbocei meus primeiros dois romances. Nunca tive anos tão tranquilos e tão fecundos. No discurso de despedida, eu agradei aos uruguaios o amparo e ajuda que me haviam dado.

Fui a Cuba, estive com Che e com Fidel. Viajei para Moscou e lá passei uns dias. Moscou me espantou principalmente pelo que espanta a todos: o Kremlin. Foi impossível não ver os milhares de quilômetros de prédios e apartamentos feitos pela mesma mão, feíssimos. O Kremlin, ao contrário, é obra única no universo. Indescritível.

Quando retornei ao Uruguai, recebi a ordem de não mais viajar nem para a Argentina, ao lado. Nenhum navio me levaria para lugar algum, com medo de não ter onde me deixar, um apátrida que não poderia descer em solo algum.

Em 1968, a saudade, porém, foi mais forte. Sabia dos estudantes nas ruas, correndo risco de vida, acreditei na força deles a desafiar a ditadura. Não aceitei ficar de fora, em segurança. Voltei para o Brasil e fui preso, para nove meses depois ser libertado, obrigado, novamente, a sair de meu país.

Fui recebido em Caracas, que parecia a Praça Mauá, um povo igualzinho ao brasileiro. Fui trabalhar na reforma da Universidade Central da

Venezuela. Os militares brasileiros pressionavam o governo venezuelano para não me deixar ficar. Uma corajosa venezuelana, porém, em seu programa de TV, denunciou a perseguição e então, depois de meses, recebi meu visto permanente.

Aceitei partir para o Chile e trabalhar como assessor de Salvador Allende. Nunca participei de um empreendimento tão radical e tão generoso. Ali repensávamos com ousadia o mundo que era e planejávamos, ainda mais ousadamente, os mundos que deveriam ser.

Antes de Allende cair, lançando-se sobre o Chile um tempo de escuridão, eu já havia partido para o Peru. Velasco Alvarado fazia, de um modo muito diferente de Allende, um governo em que eu enxergava uma via mais plausível de combate às oligarquias e ao poderio estrangeiro na América Latina. Trabalhei lá como representante da UNESCO. Numa das férias, fui à Europa e estava em Portugal quando passei mal. Internado, descobri que tinha câncer num dos pulmões. Desesperado, implorei para morrer no Brasil e deixei meus amigos loucos. Os militares também; acreditando que eu morreria, permitiram que eu viesse para a cirurgia que me arrancaria um dos pulmões. Cheguei ao Galeão e, desde o avião, fui escoltado. No carro dos 'milicos', pedi a um deles que, ao me levar para o hospital, passasse antes pela Avenida Atlântica, que me devolvia Copacabana, o Rio de Janeiro, o Brasil.

Ainda na convalescença, fui mandado embora novamente. Segundo os próprios militares, não poderiam mais me garantir a segurança física, e não eram poucos os irascíveis inimigos políticos inconformados de eu receber meu tratamento no Brasil. Voltei para o Peru, mas era outro país, então. Velasco já não tinha forças. Meu trabalho estava condenado. Parti, a convite, para o México. O presidente Echeverría já me dera prova de grande amizade. Ele enviara um professor da Universidade Autônoma do México para me localizar no Chile, depois da queda de Allende. O professor me procurou em vão nas prisões e nos depósitos de cadáveres, aos milhares. Mas eu estava a salvo em Lima. Emociono-me ao me lembrar disso.

Enquanto viajo e trabalho, sinto saudades do Brasil e penso sobre o que acontece por lá. Mas faço a cada dia, mesmo sentindo enorme falta do som anasalado de nossa língua portuguesa, meus os irmãos latino-americanos. Entendo que a ética é o motor que me move na ação política, e a única alternativa a ela é a indiferença. Não sou indiferente. Aos meus amigos, no Brasil, peço, por favor: cuidem-se bem e se tranquilizem, porque nossa munção principal, hoje, é a lucidez, o ardor e a paciência.

### **3 O intelectual e o exílio**

Edward Said denominou o século XX de «era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa» (2003, 47). Recorda que o exílio tem

sua origem na velha prática do banimento, que faz de uma pessoa um forasteiro. Para o termo *exilado*, há geralmente, como pano de fundo, o fenômeno histórico da ditadura, que encontra nas ordens de banimento o procedimento jurídico para expulsar aquele que ameaça a nova ordem instalada e cuja prisão poderia acarretar manifestações de repúdio ou atos de guerrilha que ameaçariam essa mesma ordem. O exilado sai sem saber se retorna à sua pátria. Seu projeto político e de vida foi derrotado e, a partir disso, poderá ou não se reinventar no exterior ou simplesmente desistir.

Fato é que o exílio impõe a ruptura com um mundo de referências basilares, obrigando o exilado à inescapável experiência do desenraizamento. Nalguns casos, tal experiência rouba da pessoa o ânimo para recomeçar, o que implica um esforço de alfabetização não apenas na língua, mas nas convenções do novo país, nos hábitos e modos de ser, dos mais banais aos mais estratégicos. Às vezes, paradoxalmente, o sucesso na adaptação dá ao exilado um sentimento de perda definitiva de sua identidade pregressa, o que causa em alguns desespero e automático recuo. Por mais que obtenham êxito, portanto, Said (2003) observa que os exilados são sempre excêntricos e sentem sua diferença (ao mesmo tempo que, com frequência, a exploram) como um tipo de orfandade. Obstinação, exagero, tintas carregadas são algumas características e métodos – eficazes ou não – para fazer o mundo aceitá-lo. Os artistas no exílio tornam-se decididamente ainda mais teimosos, enunciando isso em suas obras mais elevadas.

Theodor Adorno, o filósofo e teórico crítico judeu alemão da primeira geração frankfurtiana, em sua obra-prima *Mínima Moral* – também sua autobiografia escrita entre 1944 e 1947, no exílio nos Estados Unidos, cujo subtítulo é *Reflexões a partir da vida lesada* (Reflexionen aus dem beschädigten Leben) – propõe uma teoria do exílio moderno, atento à figura do *intelectual em trânsito* que expressa a movimentação da própria contemporaneidade. Com grave ironia, Adorno postula que faz parte da moralidade moderna *não se sentir em casa na própria casa*.

Experimentando a condição dilacerante de estar em terra estrangeira, Adorno considera as dificuldades a que se expõe aquele que perde a casa, vivendo num ambiente que lhe permanecerá incompreensível e, por mais que saiba, quer das organizações sindicais, quer do tráfego urbano, estará sempre desorientado. O exilado é, sem exceção, *prejudicado*, daí a terminologia. À experiência do isolamento soma-se a descaracterização de sua língua nativa e o sepultamento de suas raízes. A análise de Adorno indica, porém, o exílio como imperativo moral ao qual deve o intelectual moderno curvar-se; é sua condição de exilado que lhe faz, verdadeiramente, exercer seu ofício: o pensamento crítico.

Adorno revela assim uma paradoxal positividade na experiência do exilado: a conquista de uma perspectiva alternada, um modo novo de ver que somente o exílio possibilita. A consciência do infortúnio e da violência parece ser mais clara ao exilado, de modo que é seu *olhar deslocado*

potente para se opor a esta. Assim, para Adorno, *colocar-se fora de casa* é o imperativo moral para que se proceda à constatação de que «todas as avaliações são falsas» (Adorno 2008, 27), que jamais se daria senão no exílio, a *morada* por excelência do intelectual, ou melhor, sua *não-morada*, seu desabrigo, a frenética alternância do olhar e a conquista de um outro ponto de vista capaz de ver o que comumente não se via. O preço a se pagar é o de uma vida austera, sem facilidades. Seu olhar diferenciado é fruto unicamente de sua experiência de vida radicalmente prejudicada. Adorno usa a expressão *diagnose de si e dos outros*, a fim de referir-se à alteração de ótica do intelectual exilado, que dribla a *cegueira* que lhe parecia invencível pelos insistentes *deslocamentos da retina* e expande, ao contrário do esperado, seu escopo de visão.

Segundo Brancher e Souza (2009), Brecht dizia que não há nada mais dialético do que a cabeça de quem vive no exílio. O exilado é obrigado o tempo todo a pensar. Suas certezas são filtradas pela dúvida. Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora mediante ocupações que valorizam a mobilidade e a perícia; suas experiências pregressas, por conseguinte. Em acordo com Said, o novo mundo do exilado parece-se sempre com uma ficção.

O medo derivado da instabilidade pode produzir no exilado um tipo de narcisismo que o protege de novos compromissos ou, ao contrário, levá-lo, no outro extremo, à sedução do engajamento ainda mais forte. Os exilados costumam receber, nas novas terras, a oferta de um novo conjunto de afiliações e a chance de estabelecimento de novas lealdades. No caso de Darcy Ribeiro, sabemos qual lealdade os deslocamentos entre Uruguai, Venezuela, Chile e Peru sempre despertaram.

Silva (2004), em «Podemos dispensar os intelectuais?», observou que «os lugares de onde faz sentido agir como intelectuais são lugares de confluências: entre o conhecimento científico, a criação literária e artística e o debate das ideias» (62). Darcy Ribeiro participou dessas interseções e sua vida, tal o historiador Giovanni Levi salienta acerca de sua biografia, tornou-se um fato histórico em tempos modernos, quando os processos históricos não mais se descolam da vida dos indivíduos e de seus projetos. A obra darcyniana, escrita em diversos países latino-americanos, circulou mundo afora, traduzida em diversas línguas. Foi por ter-se aberto à diferença e se identificado profundamente com ela que Darcy Ribeiro parece ter conquistado sua qualidade humana. A alteridade e a similitude somos todos.

## 4 Considerações Finais

Paul Ricoeur (2005 in Miglievich-Ribeiro 2010) propõe a narrativa como capaz de nos reconciliar, mesmo que nunca definitivamente, com nossa experiência humana, à medida que lhe damos sentido. Pela atitude reflexiva,

é possível modificar a direção do olhar e identificar ângulos inusitados da realidade. É na fusão entre subjetividade e objetividade, observador-observado, que o mundo se revela. Pela narrativa, aparecem as espessuras do tempo, os ritmos diferenciados, os tempos distintos e os entremeios que são cruciais para que eventos e acontecimentos ganhem distinção no enredo contado.

Os intelectuais-escretores no exílio são narradores privilegiados de experiências sob as quais muitos sucumbiram. Said, falando a partir da academia norte-americana, estabelece uma nova condição para o intelectual forasteiro, a do *outsider*, fora dos dogmas, partidos e autoridades sociais, sem afiliações. Sua função seria a de perturbar o *status quo*, a de questionar os privilégios de classes, raças, gêneros, a de atestar e universalizar as crises, associar sua experiência às de outros e dar maior escopo humano ao sofrimento, para que o que acontece em um lugar não se repita em outro. Desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender, mas, para tal, inspirado em *Mínima Moralía*, de Adorno, Said corrobora que «o intelectual exilado deve cultivar uma subjetividade escrupulosa, nem complacente nem intratável» (2003, 71).

Volpe (2005, 13) recorda Benedetti, marco na literatura do Uruguai e da América Latina, ao afirmar que o intelectual crítico latino-americano jamais se descola da problemática das nações de seu continente. Seu empenho, por via da escrita e da arte, é quebrar a hegemonia imperialista, negociar os espaços de enunciação e buscar *cartografar* geografias de resistência, reinventando a norma hegemônica e fazendo ressoar a voz dos vencidos no violento projeto de colonização então interpelado. Nos anos 1960-70, o sonho da América Latina unida e autônoma surgia como contraponto ao imperialismo do Norte.

Enquanto a maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, de um país, os exilados têm consciência de, pelo menos, duas versões de cada ambiente. Os hábitos de vida e as atividades novas ocorrem inevitavelmente contra o pano de fundo da memória dessas coisas noutra lugar, aquele do qual se afastou e/ou foi afastado. Assim, ambos os contextos são vividos como reais, como no contraponto. Se o exilado está consciente de outras justaposições contrapontísticas, a simpatia compreensiva tende a se superpor às ortodoxias, ainda que isto exija um esforço intelectual, como nos falara Adorno.

Os exilados sabem sobretudo que, num mundo contingente, as pátrias são sempre provisórias, fronteiras e barreiras que, num momento, nos fecham na segurança de um território familiar; noutra, tornam-se prisões. O intelectual exilado atravessou fronteiras, rompeu barreiras - da experiência e do pensamento. A ele é facultada uma visão, se não mais verdadeira, mais original, a do mundo inteiro como uma *terra estrangeira* que pode levar, otimistamente, a se elaborarem novas oportunidades de convívio entre os humanos e, podemos acrescentar, entre os humanos e sua *casa*,

o planeta. Cabe então fazer repercutir as palavras de Said: «para o intelectual, o exílio neste sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros» (2003, 60). Darcy Ribeiro esteve entre estes homens e mulheres.

## **Bibliografia**

- Adorno, Theodor (2008). *Mínima Moralia. Reflexões a partir da vida lesada*. São Paulo: Azougue.
- Brancher, Ana; Souza, Fábio Francisco Feltrin (2009). «Políticas na exterioridade. Notas sobre o exílio de escritores latinoamericanos». *Revista Esboços*, PPGHST/UFSC, 20, 205-21.
- Levi, Giovanni. «Usos da biografia». Ferreira, Marietade Moraes; Amado, Janaína (eds.) (1996), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 167-82.
- Miglievich-Ribeiro, Adelia Maria (2010). «Narrativa e reconciliação em O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro» [online]. *Naveg@mérica. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas*, 5,1-14. URL <http://revistas.um.es/navegamerica> (2016-11-11).
- Ribeiro, Darcy (1970). *As Américas e a Civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ribeiro, Darcy (2010a). *Golpe e exílio*. Rio de Janeiro; Brasília: Fundação Darcy Ribeiro; Ed. UnB.
- Ribeiro, Darcy (1978). *O processo civilizatório. Etapas da evolução sócio-cultural*. Petrópolis: Vozes.
- Ribeiro, Darcy (2014). *Tempos de turbilhão*, vol. 9, *Relatos do Golpe de '64*. São Paulo: Global.
- Ribeiro, Darcy (2010b). *Vida, minha vida*, vol. 6. Rio de Janeiro; Brasília: Fundação Darcy Ribeiro; Ed. UnB.
- Said, Edward (2003). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, Augusto Santos (2004). «Podemos dispensar os intelectuais?». Mari gato, Izabel; Gomes, Renato Cordeiro (eds.), *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 39-67.
- Volpe, Miriam L. (2005). *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora UFJF.